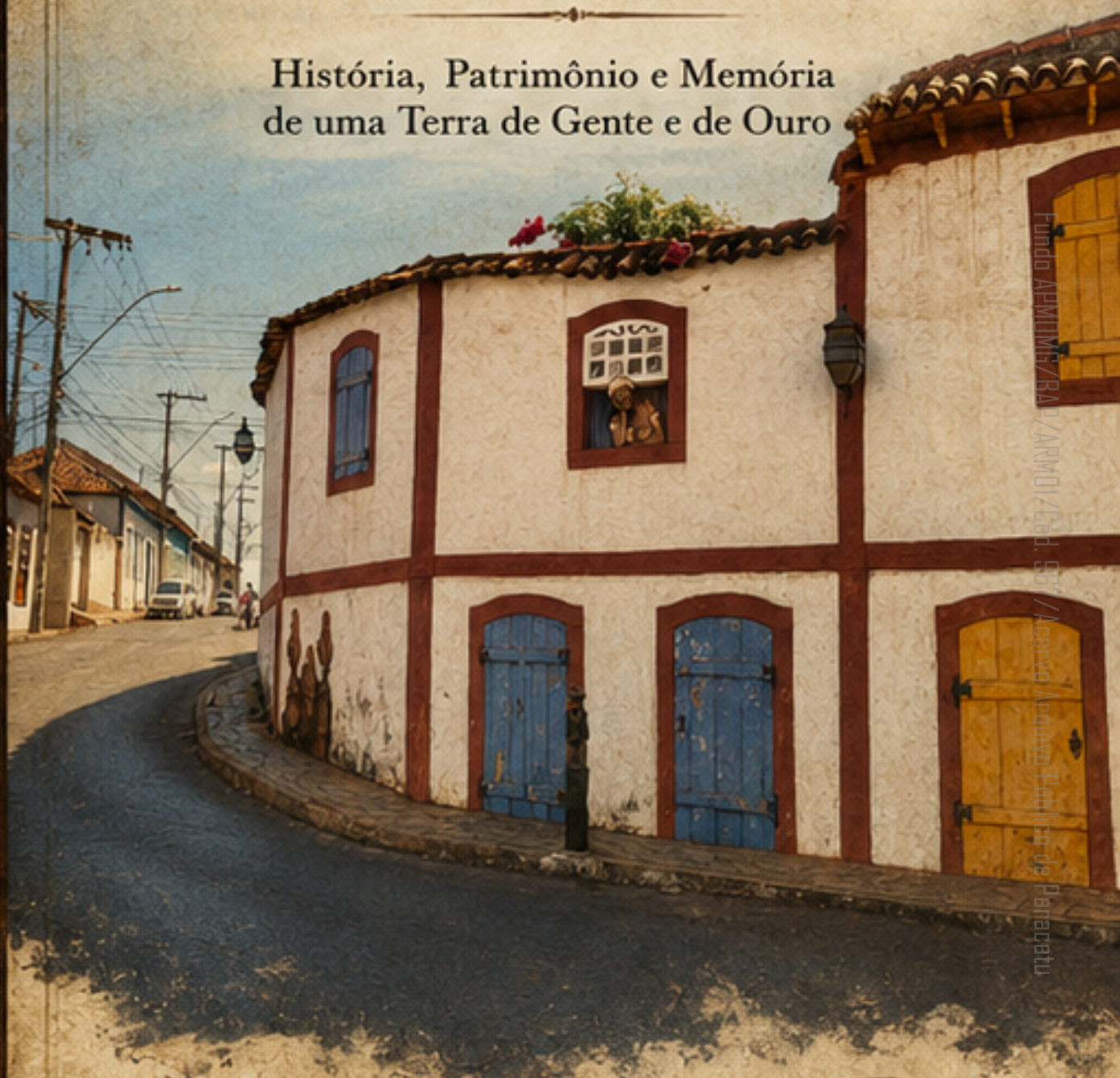
TURISMO CULTURAL

PARACATU • MG

História, Patrimônio e Memória
de uma Terra de Gente e de Ouro



DO TEMPO DAS BANDEIRAS
À NOSSA HISTÓRIA

FUNDAÇÃO MUNICIPAL CASA DE CULTURA

TURISMO CULTURAL • PARACATU • MG

FUNDAÇÃO MUNICIPAL CASA DE CULTURA

Fundo ARMIME/BAP/ARMOI/Cód. 95/Acervo Arquivo Público de Paracatu

P223t Paracatu (MG). Fundação Municipal Casa de Cultura.

Turismo cultural : Paracatu – MG : história, patrimônio e memória de uma terra de gente e de ouro / Fundação Municipal Casa de Cultura. – Paracatu, MG : Fundação Municipal Casa de Cultura, 2025.

20 p. : il. color. ; 23 cm.

Inclui bibliografia.

1. Paracatu (MG) – História. 2. Paracatu (MG) – Patrimônio cultural. 3. Paracatu (MG) – Edificações históricas. 4. Paracatu (MG) – Turismo. 5. Paracatu (MG) – Descrição e viagem. I. Título.

CDD 981.51

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

TURISMO CULTURAL

ÍNDICE

Paracatu..... 04
Introdução..... 05
Histórico..... 05
Localização..... 05
Cidades que já pertenceram a Paracatu..... 06
A Administração de Morais Navarro..... 07
Elevação à Cidade..... 08
A Comarca..... 09
Córrego Rico..... 10
Bairro Santana (Largo do Santana)..... 11
Barriguda..... 11
Chafarizes..... 12
Sobradinho..... 12
Palmeira do Santana..... 13
Rua Dr. Seabra (Rua Direita)..... 13
Chafariz da Traiana e Passo da Paixão..... 13
O Mercado Municipal..... 14
Cadeia..... 14
Casa de Cultura..... 15
Datas importantes..... 15
Rua do Ávila..... 16
Largo da Matriz e Igreja de Santo Antônio..... 16
Rua Goiás..... 18
Beco do Sr. Candinho..... 18
Largo da Jaqueira..... 18
Igreja do Rosário..... 18
Escola Afonso Arinos..... 19
Escola Antônio Carlos..... 19
Câmara Municipal..... 19
Patrimônio Natural..... 20

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ARQUIVO PUBLICO MUNICIPAL
OLIMPIO MICHAEL GONZAGA
Rua Temístocles Rocha, 249 Centro - Paracatu-MG
CEP:38.600-270 - TEL. (38) 3671-5236

PARACATU

Até hoje continua sendo muito discutido, e permanece uma incógnita, quem realmente fundou a cidade de Paracatu. Nada ficou escrito a respeito, pois os conquistadores do sertão eram geralmente analfabetos. E os missionários que, por ventura, enfrentaram as asperezas sertanejas pouco ou quase nada escreveram

Oliveira Mello

Reg Nº 2040
01 / 09 / 2023
Cód: 967

379.85
T 938

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

INTRODUÇÃO

Paracatu, nascida no início do séc. XVIII com o nome de Arraial de São Luiz e Sant'Ana das Minas de Paracatu, tem sua história vinculada ao movimento das bandeiras que corriam a região em busca de ouro. Durante mais de cem anos, o minério floresceu generosamente nos depósitos dos rios próximos à cidade.

Antes mesmo de 1730, já ocorria a povoação da cidade. Mais foi em 20 de outubro de 1798, que um alvará de Dona Maria I elevou á categoria de Vila de Paracatu do Principe.

HISTÓRICO

A região de Paracatu já era conhecida desde os idos de 1586, quando a Bandeira de Domingos Grau por aqui passou, em caráter de conquista de índios e de terras. Depois desta Bandeira, vieram as de Domingos Rodrigues (1599 – 1587), Antonio Macedo (1590) e Domingos Fernandes (1599). Todas elas não deixaram nem um vestígio de povoamento ou registro em papéis, sendo conhecida através das tribos indígenas que habitavam a região.

A primeira a registrar o nome "Paracatu" foi a bandeira de Nicolau Barreto em 1603. Depois dele vieram Antônio Pedroso Alvarenga (1615 –1618), Lourenço Castanho Taques "O Velho".

Em carta ao conde Valadares, o guarda-mor Teodósio Duarte Coimbra fala das chapadas por cima do arraial, por cimaa da rua chamada dos Goyazes, primitiva estrada ligando a região de São Francisco às minas de ouro da Vila Boa de Goiás. Isso comprova que a região de Paracatu já era habilitada antes que os bandeirantes Felisberto Caldeira Brant e José Rodrigues Froes, tidos como fundadores do povoado, aqui chegassem, por volta de 1733.

Se tal crédito foi dado a estes, foi apenas por serem eles os reveladores da existência legal das minas do governador Gomes Freire de Andrade.

LOCALIZAÇÃO

Paracatu se localiza a 482 Km de Belo Horizonte e a 220 Km de Brasília. O acesso rodoviário é facilitado pelas boas condições das estradas. De Uberlândia a Paracatu são 330 Km e de Pirapora, 310 Km.

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

As rodovias que dão acesso à cidade são a BR 0,40 e a MG 188.

O aeroporto da cidade possui pista asfaltada de 1500 m.

Oito empresas de ônibus operam rotas entre Paracatu e Belo Horizonte, Brasília, Goiânia, São Paulo, Rio de Janeiro e outras cidade da região.

CIDADES QUE JÁ PERTENCERAM A PARACATU

Paracatu foi o 13° Município instalado em Minas Gerais.

Era um município muito grande. Abrangia todo o Noroeste de Minas e grande parte do Oeste do Estado.

Quando contava quase 17 anos de instalação do Município, o Príncipe-Regente, D. João VI, anexou o Triângulo Mineiro a Paracatu, foi em 4 de abril de 1816. E o Município ficou maior ainda.

Foram estes os municípios que se emanciparam diretamente do município de Paracatu:

- Araxá 1831
- São Romão 1831
- João Pinheiro 1911
- Unaí 1943
- Vazante 1953

(Paracatu, Meu bem Querer Oliveira Melo)

A vastíssima comarca da Vila de Paracatu estava dividida em cinco Julgados ou Termos a saber:

1° - Termo de Paracatu – compreendendo os seguintes povoados: São Sebastião, São Domingos, Catinga, Buriti e casa espalhadas em diferentes sítios.

2° - Termo de Araxá – compreendendo os seguintes povoados: Patrocinio, São Pedro de Alcântra, São Francisco das Chagas, Espírito Santo, Carabandellas.

3° - Termo do Desemboque – compreendendo os seguintes povoados: São João Baptista, S. Sacramento, Uberaba, Dores e casa dispersas.

4° - Termo do Salgado – compreendendo os seguintes povoados: Porto, Tatu, Rosário, Boqueirão, Gerais, Carinhanha, Japuré, Manga, Missão dos Índios, Pindaíbas, Mocambo.

5° - Termo de São Romão – compreendendo o seguinte povoado: Conceição e casas dispersas.

(Memória Histórica de Paracatu – Olympio Gonzaga)

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A ADMINISTRAÇÃO DE MORAIS NAVARRO

Há homens que se marcam, não apenas pelo cargo que ocupam, mas também pelo seu espírito de trabalho, de organização e de progresso. O Ouvidor José Gregório Morais Navarro foi um destes homens. Não havia obstáculos que o desanimassem. Em tudo que fosse para o progresso de Paracatu, ele se empenhava de corpo e alma.

A renda do novo município era muito insuficiente para tantas realizações de que a cidade estava precisando, pois a Coroa absorvia a maior parte dos impostos lançados. E a Vila de Paracatu do Príncipe estava precisando de tudo. A decadência das minas era total. Precisava calçar a Vila, construir pontes, matadouros, abrir estradas e escolas. Não havia recursos suficientes. Para tais realizações ele sentia que, mais que nunca, necessitava de ajuda do povo. E começou a trabalhar com a sua astúcia. Mandava carrear pedras, muitas vezes, e outros materias para as obras públicas sem nenhum dinheiro disponível nos cofres públicos. Quando o proprietário ia procurá-lo para receber aquilo a que tinha jus, recebia a seguinte resposta:

_O senhor já está pago. Trabalhou para o bem da sua Vila.

Dessa forma que ele conseguiu realizar a maior parte do calçamento da então Vila Paracatu do Príncipe.

Nos seus doze anos de governo, podemos destacar as seguintes obras que chegaram até nosso dias: o calçamento da cidade, a ponte do Córrego Pobre, o Chafariz, o Curral-del-rey, a velha cadeia que incendiou na madrugada de maio 1866.

No ano de 1800 procedeu-se a um recenseamento geral na Vila. A sede contava com um total de 2937 almas, assim distribuídas: 266 brancos, 1206 mulatos livres, 25 mulatos cativos, 824 pretos livres e 796 pretos cativos.

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

ELEVAÇÃO À CIDADE

Paracatu criara nome. Seu progresso ainda se fazia sentir. Também filhos seus, na política ativa, muito contribuíram para que fosse logo elevada à categoria de cidade. Um título honorífico que recebia uma vila de muito progresso e destaque na vida da Província. Pois a sua autonomia política já existia desde 18 de dezembro de 1799, quando se instalou a primeira Câmara Municipal.

Era o maior município de então Província de Minas Gerais, não obstante haver perdido o Julgado de São Romão e o Termo de Salgado, que se emanciparam em 13 de outubro de 1831. Mas, por lei provincial número 163, de 9 de março de 1840, Paracatu foi elevada a cidade.

A então Vila encheu-se de alegria com a alviçareira notícia. Gente de todo o vasto Município, das povoações vizinhas, de Goiás e da Bahia, veio assistir aos festejos da nova cidade. Além da solene missa campal, arcos de ramagens e flores enfeitavam as ruas. Riqueza, luxo, gosto artístico. Tudo estava presente às comemorações. Em muitas casas realizaram-se festas. As famílias abastadas eram transportadas em cadeirinhas, que substituiam as carruagens fidalgas e dois escravos possantes as conduziam nos ombros. Os homens vestiam casacas e usavam cartolas. As mulheres ostentavam o luxo e as riquezas das mulheres das metrópoles. A distância não arrefecia o gosto pelo luxo fidalgo e principesco da época. Também não faltaram os bailes e batuques populares, regados com a já famosa pinga de Paracatu.

Em 23 de março de 1840, desmenbraram-se de Paracatu: Patrocínio, Desemboque e Araxá.

(Paracatu do Príncipe: Minha Terra Oliveria Mello)

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A COMARCA

Em 17 de maio de 1815, o Príncipe Regente D. João criou a Comarca de Paracatu, desmenbrando-a de Sabará.

A Comarca de Paracatu foi a Quinta de Minas, sendo mais antigas: Vila Rica, Rio das Mortes, Rio das Velhas e Serro do Frio.

D. João, em 4 de abril de 1816, expediu outro alvará com estas ponderações:

"... Querendo promover as comodidades daqueles povos que, pela sua indústria e digna aplicação à lavoura, se fazem dignos da minha real contemplação: Hei por bem separar e desanexar da Capitania e Comarca de Goiás os dois julgados e freguesias de São Domingos do Araxá e Desemboque, com todo o território que lhes pertence; e mando que, deste alvará em diante, fiquem pertencendo à Capitania de Minas Gerais e à Comarca de Paracatu, fazendo parte dos limites desta"...

Dezenas de municípios que integram Zonas Fisiográficas de Paracatu, Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba já pertenceram ao município de Paracatu, tanto jurídica como politicamente.

Hoje, a Comarca de Paracatu tem o seu território muito reduzido. Está classificada como de Segunda entrância e tem jurisdição sobre os municípios de Paracatu, Guarda-mor e Vazante.

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Com a retirada de Moraes Navarro, interinamente, o cargo foi ocupado pelo padre Joaquim de Melo Franco, vigário forâneo de Paracatu e, no exercício do cargo, passou a Ter influência política, que transmitiu aos seus descendentes. Acreditamos, com exceção de Antonio José Vicente da Fonseca, os sucessores imediatos de Navarro não assumiram funções, e com isso o Vigário Melo passou a ter força política. Foi em uma de suas interinidades que fez representar aos governos da Capitania e da Metrópole a necessidade da criação da Comarca de Paracatu, que ficava muito distante da sede em Sabará. Os seus rogos foram atendidos através deste Alvará de 17 de maio de 1815, criando a Quinta Comarca da Capitania.

Os limites desta Comarca de Paracatu eram o rio de São Francisco e o rio Abaeté do sul, e das suas cabeceiras pela divisão que forma as vertentes da serra até à extrema da Capitania; e destes limites lhe pertencerá todo o território, até confirmar com os outras Capitanias de Goiás e da Bahia.

A nova Comarca teve seu primeiro ouvidor geral na pessoa do mineiro Lúcio Soares Teixeira de Gouveia. O segundo ouvidor nomeado foi Pedro de Araújo Lima.

(AS MINAS REVELADAS Paracatu no tempo -- Oliveira Mello)

CÓRREGO RICO

Também conhecido pelos Paracatuenses como "praia" pois era utilizado pelos moradores da cidade como local de lazer, banhos públicos e brincadeiras em suas margens orientais, no passado, tão brancas de doer as vistas. Ao longe ouviam-se a batida das roupas nas pedras e a conversa sem fim das lavadeiras. Hoje, totalmente danificado pelo garimpo do ouro em seu leito e foi justamente devido a esse ouro o nascimento do arraial. Foi aqui o início de Paracatu.

Este córrego ganhou este nome da bandeira de Felisberto Caldeira Brant e seus irmãos Joaquim, Conrado e Sebastião. Vindo de Vila Boa de Góias "corridos" das autoridades daquela província, estes bandeiras chegaram as minas de Paracatu pelo sul, deparando-se com o Córrego Rico. Na barra do córrego Rico e o Córrego Pobre (Córrego Pobre ou Córrego dos meninos, que passa ao fundo do Colégio Dom Elizeu) formou-se o Arraial de São Luís e Santana das Minas do Paracatu.

Ao mesmo tempo em que isso acontecia, outro bandeirante, José Rodrigues Froes, integrante de abastada família paulista, também chegava em Paracatu, só pelo norte, vindo da Bahia, seguindo um roteiro que ligava os criadores dos afluentes do São Francisco ao centro minerador de Góias. Vindo pelo norte, Felisberto chegou a região que dominou São Domingos e nas redondezas do lugar deparou com

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

pequena mas imensa rica elevação a que deu o nome de Morro do Ouro ou Cruz das Minas.

Estes dois senhores de portentosa e rica figura, possuidores de muitos escravos se tornaram líderes da região. No princípio do ano de 1744 em 24 de junho, Rodrigues Froes leva ao conhecimento do Governador de Capitania a descoberta das minas.

Em pouco tempo Paracatu era populoso.

Neste córrego, escravos de ombros nus faiscavam, revolvendo o leito rio, em busca do ouro que enriqueceria os senhores e a coroa portuguesa e britânica. Por várias vezes o sangue escravo misturou-se as águas do córrego rico, descendo das costas lanhadas dos negros, rasgadas pelas chibatadas dos feitores. É deste sofrimento que nascia Paracatu. Um pouco mais tarde, com o declínio das minas, o velho córrego resistia e ainda dava sustento a população menos abastada que retirava do seu leito em pequenos caixotes e bateias, algumas onças de ouro, com o qual comprava o pão suado de cada dia.

Ah! Córrego Rico com suas praias, seus faisqueiros, suas lavadeiras ... Poço do Azulão (nas encostas do Morro do Ouro) Gruta de Vênus (idem), Praia do Vigário, Matinho, lajedo, foram locais históricos, testemunho deste sofrimento que se transformaram em orgulhos dos surrões abarrotados de ouro para o fausto dos senhores de escravos. Hoje, com seu leito assoreado, servindo de despejo de dejetos, o velho Córrego é apenas uma tosca caricatura dos tempos de antanho. Meus amigos – Aqui jaz o Córrego Rico.

BAIRRO DO SANTANA
(LARGO DO SANTANA)

Aqui neste bairro início a cidade de Paracatu com casas de sap~e e hoje abriga uma velha Barriguda que floresce todos os anos dando cachos de flores cor de rosa. Havia nesta praça uma igreja construída no início do século XVIII. Foi demolido em 1935. A aparência pobre por fora contrastava com o rico interior, em estilo barroco-jesuístico. O altar desta igreja, hoje está na igreja da matriz. Obra de escultores baianos e portugueses. Os portais foram vendidos à famílias ricas de outras paragens.

Igreja de Sant' Anna – A palhoça que servia de capela, tinha a frente voltada para o córrego rico, foi substituida por outra de telha – a Igreja de Sant' Anna trabalham bons escultores bahianos e portugueses.

BARRIGUDA

É considerada a mais antiga árvore viva dentro da cidade. De extrema beleza, abriga em suas sombras, os moradores dos bairro em seu bate papo nos fins de tarde.

Fundo APMDMG/BAP/ARMDI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

CHAFARIZES

Existiam vários chafarizes pela arraial, e um deles ficava em frente ao Sobradinho. Nele as pessoas buscavam água para a faxina diária, as mulheres aguadeiras enchiam seus potes de barro, colocavam-no sobre a cabeça protegida apenas por um alvo pano de algodão, e percorriam as ruas do arraial, vendendo água as famílias mais abastadas.
1931 – O prefeito Quintino Vargas construiu mais chafarizes em pontos estratégicos, a fim de a população ter água mais acessível, pois havia apenas dois chafarizes

SOBRADINHO

Considerado como uma das primeiras, senão a primeira casa de alvenaria da velha Paracatu. Construído no século XVIII, mais ou menos 1750, hoje é apenas uma réplica, pois em 1986, no mandato do prefeito Diogo Soares Rodrigues, foi designada uma equipe da prefeitura para fazer uma restauração. Por falta de preparo técnico, a equipe demoliu o velho sobrado, jogando por terra suas paredes de adobe e barro batido com capim. Elevaram paredes de tijolos modernos, aproveitando a carcaça da madeira e sua planta original. Foi a residência do primeiro Melo Franco do arraial.

Em 1757 chega a Paracatu o Português, João de Melo Franco. Veio para o Brasil em meados do século XVIII, TENDO RESIDIDO ALGUM TEMPO NO Rio de Janeiro, e depois em Sabará, onde se teria transferido para Paracatu. Era monotorio dono de uma das maiores fazendas da região de Paracatu (Fazenda do Fundão) era muito estimado e possuidor de privilégios. Também foi o fundador da família Melo Franco no Brasil. O sobrado, segundo o escritor Oliveira Melo, pertenceu à João de Melo Franco, trisavô de Afonso Arinos. No decorrer do tempo o sobrado não se manteve, vindos a cair em ruinas. O sobrado atual, por sua vez é uma replica da primeira construção.
24 de junho de 1994 – É instalado no sobradinho o Arquivo Municipal de Paracatu. Quanto à origem documental ressalta-se que a maior parte da documentação existente corresponde aos séculos XVIII, XIX E XX. O Arquivo Público nasceu da preocupação de se preservar a história do município.

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

PALMEIRA DO SANTANA

Esta velha palmeira não tem registro de quem a plantou. Sabe-se apenas que possui mais ou menos oitenta anos. Faz parte da paisagem histórica e da memória de quem conhece o velho bairro do Santana.

RUA DR. SEABRA – RUA DIREITA

Esta rua saindo da praça do Santana até o Largo da Jaqueira faz parte do núcleo histórica de Paracatu (Lei de tombamento N° 1.435/85). Deve-se observar a forma barroca da rua. Tortuosa, não permitindo, a primeira vista a visão do seu final, mostrando flashes imediatos, como se emoldurasse a paisagem. Todas as casas antigas dessa rua e todo o núcleo histórico estão tombados pelo patrimônio histórico. Não podendo ser destruídas, demolidas ou mutiladas; até mesmo as novas edificações deverão integra-se ao estilo arquitetônico barroco. Estes imóveis estão insentos do IPTU e as penas pela sua deturpação serão aplicadas pela prefeitura.

São edificações tradicionais, com paredes coladas uma nas outras, também uma características barroca. Deve-se observar também, os becos estreitos, em forma de afluentes, antigamente esta rua , assim como todas as outras que pertencem ao núcleo histórico , eram calçadas de pedra.

CHAFARIZ DA TRAIANA E PASSO DA PAIXÃO

Em estilo barroco, é um tributo aos 200 anos de elevação à Vila de Paracatu do Príncipe que ocorreu em 1798. É também uma homenagem aos chafarizes que existiram e que eram pontos de distribuição de água nascente, por serem construídos geralmente próximo às nascentes.

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

CHAFARIZ – Os antigos chafarizes serviam para as pessoa pegarem água e para os tropeiros que por aqui passavam levando o seu gado, os antigos eram muitos simples, nesse chafariz e como no passo da paixão o artista Fábio Ferrer quis demonstrar a arte do seu trabalho, enriquecendo ainda mais a nossa Paracatu.

TRAIANA – Segunda a lenda a Traina era uma negra lindíssima, ela encantava os homens com sua exuberância e beleza. Os homens sonhavam com ela e saiam para as janelas de suas casas para encontra-la. E ela sempre estava lá para encontrá-los e encanta-los com sua formosura.

PASSO DA PAIXÃO – Tínhamos em Paracatu várias casinhas em forma de oratórios por onde passava a procissão do nosso senhor, cada parada nestes passos da paixão significava uma queda de Jesus na sua caminhada para o calvário. O percurso destas procissões era de uma igreja a outra. Relembra os 11 passos da paixão que existiram na cidade no séc. XVIII e XIX.

O MERCADO MUNICIPAL 30 Junho 2000 Inaugurado Museu H.M.

Naquele velho casarão, funcionou por longos anos o mercado municipal. Hoje ocupado pelo Museu Histórico. Construído em 1903, pelo esforço do Sr. Cristino Pimentel de Ulhôa e do Dr. Sérgio Conçalvez Ulhôa. Possui vasta acomodações e já em 1903 era abastecido com água potável canalizada.

Ao fundo pode-se ver divisar os fundos da Casa da Cultura, antiga Escola Normal, e parte da fachada da igreja do Rosário.

Ao lado do mercado, onde já está esta edificação em estilo moderno, havia um velho sobrado onde funcionava a cadeia e o passo municipal. No largo em frente estava um pelorinho e um chafariz. O pelorinho era uma coluna de madeira, onde se amarravam escravos e criminosos para serem açoitados. Demolido em 1933.

CADEIA

Era um vistoso sobrado, com dois andares, situado á Rua Direita, em frente a Matriz. Ao lado esquerdo térreo existiam 04 prisões arejadas e abastecidas de água potável, canalizada. Ao lado esquerdo do pavimento superior, dois vastos salões que serviam de Paço Municipal, em falta de edifício próprio. Ao lado direito, funcionavam as sessões do Tribunal do Jury no vasto salão para esse fim destinado. Esse edifício foi construido pouco tempo depois do incêndio da antiga cadeia, que se deu na madrugada de 28 de maio de 1866

Fundo APMOMG/BAP/ARQUI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

A CASA DE CULTURA

Residência construída no século XIX, no período de 1855 a 1859, pelo Coronel Domingos Pimentel de Ulhôa.

Em 1908, a Câmara Municipal adquire o prédio para funcionar a Escola Afonso Arinos, posteriormente de 1913 a 1918, passa abrigar a Escola Normal.

De 1926 a 1927, sedia o " Liceu Paracatuense ". Teve novamente sua Escola Normal Antonio Carlos, em 03 de maio de 1918, pelo Governador Antonio Carlos.

Por último, abrigou a Escola Afonso Roquete . Depois de passar por um estado de degradação, o prédio passa por um estágio de restauração de 1985 a 1988 com apoio técnico e financeiro do PROMEMÓRIA, SPHAN, IEPHA e a PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU.

Inaugurada em 20 de outubro de 1988, pelo então prefeito Municipal DIOGO SOARES RODRIGUÊS, como Casa de Cultura.

Em 29 de junho de 1993, pela Lei Municipal nº 1891 criada a Fundação Municipal Casa de Cultura, que passa a abrigar o ARQUIVO PÚBLICO (criada em 24 de junho de 1994) o MUSEU HISTÓRICO (na época, em fase final de restauração para ser instalado), BIBLÍOTECA PÚBLICA RENNÉ LEPESQUEUR, e a CASA DE CULTURA, destinada aos cursos de artes e eventos artísticos e oficiais em geral.

DATAS IMPORTANTES

1855 a 1859 – É construído o casarão nos meados do século XIX, pelos escravos e comandado pelo coronel Domingos Pimentel Ulhoa. Nesse casarão, os primeiros moradores foram o Coronel Fortunato Botelho e sua esposa Candida de Ulhoa Botelho.

1880 – É criada a escola normal, pelo artigo 27, regulamentada em 84, e a ela anexado no velho externato de Paracatu, que foi extinto em 1891.

26 de maio de 1894 – Criou-se o curso de agrimensura anexo a escola normal. (Duração da escola normal: 23 anos). Período de fechamento: 1880 a 1906.

26 de setembro de 1908 – É fundada nesse local a Escola Afonso Arinos, que antes era chamado pelo nome de Afrânio, irmão de Afonso Arinos, através do professor Antônio Loureiro Gomes Júnior, quem instalou e organizou.

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

1970 a 1979 – A Escola Afonso ~~Arinos~~ Roquete tem a sua passagem pelo casarão.

1984 – Técnicos da Fundação Pró Memória/SPHAN firmam convênio para restauração do prédio da antiga escola Normal, com destino a funcionamento da futura Casa de Cultura.

20 de outubro de 1988 – Nos 190 anos de emancipação política de Paracatu, ocorreu a inauguração da Casa de Cultura no casarão na rua do Ávila.

29 de junho de 1993 – Foi sancionada a lei nº 1891/93 instituindo a Fundação Municipal Casa de Cultura de Paracatu, que tem como principal finalidade, incentivar e difundir as manifestações culturais do município. A lei ainda estabelece que a Biblioteca Pública Municipal, a Casa de Cultura e o futuro Museu Histórico de Paracatu, passem a constituir patrimônio da Fundação.

RUA DO ÁVILA

Esta rua preserva o maior número de casarões antigos de Paracatu.

Devemos destacar que muitas casas desta rua pertencem ao período Clássico do Barroco.

Observe por exemplo o sobrado pertencente ao Sr. Petrônio Costa. Foi todo restaurado precisamente como original. Os assoalhos de tábua corrida, o forro de palhinha, folhado colonial, as pesadas portas de madeira maciça. É um adendo da casa da Rua de Goiás, construída ainda no séc. XVIII. O acréscimo foi feito no séc. XIX com arquitetura do atual sobrado.

A Casa de Cultura é o principal destaque dessa rua, tanto pela sua arquitetura, quanto pela instituição aqui abrigada.

LARGO DA MATRIZ E IGREJA DE SANTO ANTONIO

Igreja Matriz de Santo Antonio, teve uma construção demorada, mais de 50 anos, tendo suas obras terminado em 1746. Passou por algumas reformas. As mais radicais delas datam de 1950 quando retiraram o relógio que ali havia em 1960, quando o governo de Cr. Vladimir, modificou o acesso do Largo para a igreja, retirando-se as escadas que constituíam a praça barroca.

1.696

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

As escadas eram encima de pilares trabalhados, a partir de 1929, a Igreja de Santo Antonio passou a catedral, é também uma edificação tombada pelo patrimônio histótico.

O seu altar é o mesmo da antiga Igreja do Santana. Em seu interior encontram-se esculturas belíssimas de artístas desconhecidos. Do lado esquerdo da Catedral, vemos a fileira de Palmeiras Imperiais. Estas palmeiras foram plantadas pelo major Demóstenes Roriz a cada vez que lhe nascia um filho. Hoje existem apenas cinco, mas foram plantadas oito.

O Santo Ofício – Quando foi construída, a Igreja Matriz, por volta de 1750, como anexo foi também construída a sede do Tribunal do Santo Ofício, atrás do grande templo, com ligações subterrâneas, ocultas. Nessa época o Padre Mendes obrigava a população a fornecer escravos para a execução da obra. Tinham que obedecer rigorosamente à pesada disciplina e guardar segredos do que se fazia, principalmente com referência as masmorras. Nesse local muita gente foi torturado, com a presença do Padre Francisco de Moura Brochado, pelo terrível carrasco Manoel Gomes Bravo, proveniente de Sabará. São indiscritíveis as torturas que se praticavam, no polé, com a roda de suspender o paciente pelas mãos atadas, à grande altura, tendo um peso de madeira de vários quilos ligados aos pés. Ao movimentar o sarilho, a corda ia se retezando para suspender a vítima, sob chicotadas, quando então os ossos se estalavam e desconjuntavam-se as articulações. Por ordem do Marquês de Pombal, em 1772, o padre José Ribeiro de Assis mandou demolir a sede do Tribunal do Santo Ofício, fazendo com que não permanecesse nenhum vestígio de tão odienda construção.

1746 – Quando já concluída a Igreja de Santo Antonio, Manoel de Bastos Nerva, o mestre de campo reconhecendo o rico veio de ouro, justamente debaixo do templo, propoz ao vigário geral, doutor antonio Mendes Santiago, construir em outro local uma Igreja melhor, o que não foi aceito a demolição, foi barrado pelo ambicioso padre Mendes Santiago.

1750 – A Igreja é transforma em Catedral de Santo Antonio de Paracatu.

1755 – Ocorreu a criação da Paroquia por provisão de D. Francisco Xavier Aranha, sendo logo entregue ao rumoroso padre Antonio Mendes Santiago.

1772 – O padre José Ribeiro de Assis mandou demolir a sede do Tribunal do Santo Ofico, fazendo com que não permanecessem nenhum vestígio de tão odienda construção.

A Igreja de Santo Antonio, ~~o padreeiro~~ com suas escadas e pilares se harmonizam com paisagem barroca, como testemunhas das lágrimas dos negros e que amparavam escravos quase mortos pela crueza dos senhores, Igreja imensa, com sua paredes largas, limpas, nuas e brancas, não tem seu altar próprio, ~~vindo o mesmo de Portugual~~. Altares barrococs com anjos bochechudos, de artístas desconhecidos.

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

RUA GOIÁS

É uma das mais antigas ruas de Paracatu.

Recebe este nome por ser o antigo caminho que ligava Minas Gerais à Goiás, funcionava como um divisor entre cidade antiga (à esquerda) e cidade nova (à direita).

Hoje a rua já está bastante descaracterizada no que toca ás construções barrocas, possuindo-as muito pouco nos dias de hoje.

BECO DO SR. CANDINHO

Este é o único beco que conserva suas características originais. Calçada de pedra, tortuoso. Os becos passavam nos fundos das casas para servirem de carga e descarga de espécies. Era por ali que passavam as tropas de burros, com os surrões carregados de mantimento (arroz, feijão, rapadura, lenha, queijos e etc...)

Observa-se que o calçamento é todo feito de seixos rolados (pedras lisas) sendo que o centro da rua é mais profundo, servindo de escoamento das águas das chuvas.

LARGO DA JAQUEIRA

Praça Coronel Francisco Botelho.

Aqui recebeu o nome do Largo da Jaqueira, devido a uma velha e frondosa Jaqueira que aqui havia.

Por muitos anos, as decisões políticas foram tomadas nesse largo, pois os principais representantes do PSD moravam por lá.

IGREJA DO ROSÁRIO

Igreja do Rosário, simples, humilde, modesta. Recebe este nome por ser a igreja dos pretos (negros). Rosário como o rosário de sofrimento dos anos de escravidão da raça negra. Rosário , como o rosário de discriminação que ainda hoje, se abate sobre os negros. Esta igreja foi construída em 1744.

Consagrada à Nossa Senhora do Rosário.

É desta igreja que sai a procissão de São Benedito, a mais destacada de Paracatu (Dia 29-06).

Na porta do sacramento, disfarçada numa folha de parreira, está gravada uma cabeça de negro.

A praça ao lado da Rosário é também uma das mais antigas. Não era chamada de Praça e sem de Jardim. O velho correto, o Largo.

Neste coreto, nas manhãs de Domingo, e nos dias de festas, a Banda da cidade fazia a alvorada e tocava por um bom tempo. Nos

Fundo APMOMG/BAP/ARMOI/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

bancos dos jardins, à tardinha, os senhores sentavam-se a deliciar-se com a brisa fresca e a trocarem um dedo de prosa.

ESCOLA AFONSO ARINOS

Foi a primeira escola Pública de Paracatu. Em 1908 seu 1° nome era Grupo Escolar de Paracatu, funcionou primeiramente no prédio onde hoje é a Casa de Cultura. O prédio atual foi inaugurado em 1928.

ESCOLA ANTONIO CARLOS

Foi instalada no dia 03 de maio de 1928, no casarão à Rua do Ávila n° 15, onde a mesma funcionou até o ano de 1965, quando então passou a funcionar no moderno prédio à Praça do Mirante no governo de Magalhães Pinto.

CÂMARA MUNICIPAL

A casa da Câmara era uma pequena casa quadrada de um andar, e cujo rés-do-chão serve de prisão de acordo com costume da província.
18 de dezembro de 1799 – Primeira Câmara Municipal de Paracatu.
1921 – Após intenso trabalho foi inaugurado o prédio da Santa Casa de Misericordia.

DATA HISTÓRICAS

19 de março de 1880 – Chega a Paracatu a Maçonaria com a Loja Maçonica " Luz Paracatuense".

1865 – O padre José de Brito Freire foi assasinado na porta da Igreja do Amparo, por Tristão Dias Bicalho, repelido por haver acendido o cigarro na lampada do santissimo.

9 de abril de 1738 – O Rei expediu contra o Padre Antônio Mendes Santiago, uma ordem de prisão, onde mais tarde de passagem pelo Arrail de Paracatu, acabou ficando, tratava-se de um Padre aventureiro, briguento e andejo. Assim que ele passa a funcionar como vigário. Além da Igreja de Sant' Anna, construída por volta de 1736 (que já se encontra demolida) e a do Rosário em 1744, ele ainda fez construir a Igreja da Matriz.
1744 – É construída a Igreja do Rosário (dos pretos) O procurador da construção seria o Capitão Antônio de Freitas de Almeida. O altar da

Fundo APM8MG/BAP/ARM01/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu

Igreja ostenta primorosas esculturas em madeira, o que constitui uma das poucas relíquias deixada pelos ancestrais. As artes das esculturas são de artistas desconhecidos.

PATRIMÔNIO NATURAL

O Grande Sertão desdobra-se em montanhas e cerrados, cortados por estrads que levam às fazendas centenárias que tanto podem praticar a agropécuaria moderna como a rústica produção de alambiques artesanais, de onde vertem as afamadas cachaças da região. Levadas às mesas, são aperitivos para os deliciosos pratos da culinária mineira, com seus aromas, sabores e temperos magicamente orquestrados por prendadas cozinheiras. Uma experiência que pode ser degustada com toda pompa e circustância em cenários típicos originais. Lugares belíssimo, agradavéis e que convidam a um descanso e contemplação da natureza em abundância. Grutas, trilhas e cachoeiras, localizadas nas cristalinas e quedas d'água de até 40 metros de altura. O sol no céu ilumina a região praticamente o ano todo, apresentando um fabuloso mundo das águas para ser explorados. O circuito das águas multiplica-se em inúmeras atrações reveladas por trilhas rústicas pelo cerrado, descrevendo uma rota que tem o Rio Paracatu como principal referência. Ainda na trilha do Ecoturismo, as cavernas e grutas são uma atração a parte. A cachoeira do Prata e as grutas de Santa Fé, da lagoa Rica e do Sapezal são os pontos mais procurados pelos turistas. Com espírito de aventura para seguir por caminhos íngremes e cenários inusitados, pode-se contemplar essas verdadeiras catedrais subterrânea, com suas suntuosas naves esculpidas pela natureza.

Fundo APM@MG/BAP/ARM01/Cód. 967/Acervo Arquivo Público de Paracatu